

# EDUCAÇÃO ENQUANTO ATO DE RESISTÊNCIA

Elisângela de Fátima Teixeira<sup>1</sup>

Prezado Paulo Freire,

Nesta carta, eu recorro aos conhecimentos epistemológicos produzidos em sua trajetória intelectual em vida, ou seja, um legado deixado à nossa história, visando buscar em seus ensinamentos – os quais sinalizam caminhos à “educação enquanto prática de liberdade” – uma reflexão sobre as aprendizagens necessárias à prática docente que realmente têm a intencionalidade de transformar a realidade por meio da educação.

A motivação inicial para escrita desta carta se deu após leitura da “*Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*”<sup>2</sup> e assim a respondo gratamente pelo aprendizado proporcionado. Nesta carta, compreendi de uma forma nítida e simples que o ato de ensinar e as ações éticas presentes na sociedade estão completamente interligados ao ato da resistência. Esse ato conforme sua fala,

[...] nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (FREIRE, 2000, p. 37).

Todos estes aspectos citados acima, no que diz respeito aos grupos subalternizados, especificamente da população negra, estão diretamente ligados ao fatalismo histórico - oriundo da escravidão – e ao poder da ideologia liberal que, por meio da impregnação de utopia de uma sociedade justa e igualitária, ameaça os sonhos da humanidade de uma sociedade democrática.

Portanto, sabemos que historicamente a trajetória da educação brasileira é marcada por um processo de exclusão e marginalização das classes sociais, principalmente dos povos negros. Nesse sentido, é notório que esse sistema foi pensado e organizado dentro de um processo histórico no qual a produção do conhecimento sempre esteve sob o domínio das elites “intelectualizadas” ou daqueles que sempre detiveram o poder político, econômico, educacional, religioso, social e cultural (CASTRO *et. al.*, 2020)<sup>3</sup>. No entanto, o Brasil é um

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa- UFV (2015). Graduada em Educação Especial na Universidade Santa Cecília/UNISANTA (2021). Especialista em Educação Educação Especial e Inclusiva pela UniAlphaville/FSV- Faculdade de São Vicente (2020). Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia e Educação Especial e Inclusiva (2021) pela Faculdade de Venda Nova Imigrante- Faveni. Mestranda em Educação pela UFV (2022- 2024). Atualmente atua na rede municipal de ensino do município de Viçosa como professora da Educação Infantil (Alfabetização).

<sup>2</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, **Editora UNESP**, 2000.

<sup>3</sup> CASTRO, S. O. C. ; MARTIN, D. G. ; F. J., N; FONSECA, V. M. da; ALMEIDA, F. M. . A ampliação do acesso ao Ensino Superior e as condições oferecidas para o processo formativo: os institutos federais brasileiros em análise. **Educação em foco**, v. 23, p. 68-88, 2020.

país de origem colonial, cuja constituição enquanto nação foi um processo nacional popular jacobino, como dizia Gramsci (2002)<sup>4</sup> ou seja, construído de baixo para cima, com as classes subalternas e trabalhadoras influenciadas por elementos do Brasil colônia, como a escravidão. Fatores estes, evidenciados na contemporaneidade, nas ações políticas dos movimentos sociais, que atuam na luta pelo reconhecimento e garantia de direitos sociais daqueles que foram historicamente excluídos (ALMEIDA, 2019)<sup>5</sup>.

Nesta perspectiva, escrevo a partir de um pensamento decolonial, pois acredito que esse foi o percurso encontrado para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos negros subalternizados durante todos esses anos. Assim, escrevo como mulher, negra, mãe solo, oriunda da camada popular, nascida em uma família de classe trabalhadora, que se tornou professora em detrimento à prática da leitura enquanto viés ao ato de “libertação”.

Conforme você escreve, “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2020) e, é partindo deste pressuposto, que posso afirmar que foi a partir do hábito de leitura que se tornou possível gerir o processo de construção da ciência por meio do conhecimento. Assim sendo, cresci sabendo que uma das melhores armas que eu tinha para enfrentar os olhares sociais excludentes seria o “conhecimento”. Acredito que essa ocorrência se deu devido à autoaceitação e autoestima, entre outros fatores fundamentais, adquiridos no âmbito familiar e na comunidade local, neste processo de inserção social.

Dito isto, Freire, o núcleo central de minha reflexão se pautará no meu percurso formativo ao retomar os teus escritos, no que diz respeito aos relatos de tua infância e a representação que exercem na educação. As narrativas que você faz de sua infância nos convoca a repensar as práticas e o posicionamento ético e político das educadoras e dos educadores no percurso formativo de seus educandos. Conforme sua fala, “a educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática, é naturalmente política, tem que ver com a pureza, jamais com o puritanismo e é em si uma experiência de boniteza” (FREIRE, 2000, p. 40).

Neste sentido, durante toda minha trajetória educacional, a instituição escolar nunca representou, para mim, um espaço motivacional no sentido de trazer perspectivas de crescimento pessoal e social, sendo esta, vista como percurso de resistência. Foi marcada por preconceitos raciais, sociais e econômicos. No entanto, minhas ações sempre apresentaram inconformismo com a situação, conforme escrevi anteriormente.

Compreende-se que na infância as crianças se constituem e são constituídas por meio de múltiplas influências como: a família, a escola, os amigos, entre outras e é com base nestas influências que suas identidades são construídas, sejam elas positivas ou negativas. No entanto, a minha infância foi marcada por tormentos e conturbações vinculadas ao meu estereótipo e condição social, econômica e cultural. Isto me permitiu diferenciar o ambiente familiar do escolar enquanto espaço de legitimação da educação. Assim, nesta época, eu era como qualquer outra criança cheia de sonhos, porém, com os sonhos sempre podados pelo opressor, pois era sempre vista como a “feia”, por causa da cor da minha pele e o tipo de meu cabelo. Fatores estes, que me possibilitaram conquistar poucos colegas, os que aproximavam eram por interesse em conseguir “notas” nas avaliações (antes conhecido

---

<sup>4</sup> GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

<sup>5</sup> ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

como prova) que aconteciam sempre nos finais de bimestre. Antes desses eventos, meus colegas sempre eram reduzidos, ou seja, podemos chamar este fator de "política da boa conveniência", ou seja, vou ser "colega" da negra até onde me beneficiar.

É importante ressaltar que durante toda a Educação Básica, nas turmas em que eu estudava, a maioria dos alunos era branca. Todos esses fatores vivenciados me levaram a inferir que, no cotidiano escolar, bem como no âmbito familiar, a criança constrói seu autoconceito a partir da maneira como é vista pelo seu professor, por seus colegas e demais funcionários da instituição. Daí a importância de se trabalhar a questão da autoestima e autoaceitação nos diversos âmbitos sociais, pois, uma negra com autoestima elevada é uma preta que entendeu que nasceu para protagonizar. Isto não quer dizer que ela seja orgulhosa, prepotente - como diz o pensar social sobre os negros. Isto significa, que o negro entendeu onde é o lugar dele no espaço social, sendo este lugar "aquele em que ela escolher estar".

Relembro dos períodos de desmotivação, desânimo e fadiga. Minha mãe sempre me dizia que precisávamos acreditar em nós mesmos e assim buscar a nossa liberdade, porque sem luta não haverá conquista e porque existe uma classe que impede a nossa transformação, mantendo-nos sob seu poder.

Diante destas vivências, pude perceber que quando uma criança é inserida em outro grupo que se diferencia da família, ela se depara com a diversidade social. Assim, o ingresso na instituição educacional alarga o seu universo social, possibilitando a convivência com crianças, jovens e adultos de culturas diferentes. Exemplificando, na infância, quando uma determinada criança negra, ao entrar em contato com outras crianças, percebe traços particulares de cada uma e o modo como estes traços são recebidos pelos professores e colegas, ela está formando sua personalidade.

Neste embate, a maneira como eu era vista estava ligada ao modo como era interpretada pelos outros que conviviam comigo. Os julgamentos e comparações tiveram um grande impacto no início da construção de minha identidade. Atitudes como sempre fazer os trabalhos sozinha, pois, meus colegas de turma não gostavam de fazer trabalhos com crianças pretas, causava um estranhamento ao estar junto de uma pessoa "diferente". Relembro que nessa época eu também tinha amizade com coleguinhas brancas, percebia que eles gostavam muito de mim, porém quando estava no meio das pessoas, me evitavam, tinham medo de serem taxados como "namoradinhos" meus, ou amiga daquela esquisita etc. É importante frisar que as aproximações eram iminentes nos períodos das avaliações. E assim foi minha infância.

Porém, em contrapartida, em meu âmbito familiar eu sou, até os dias de hoje, uma princesa (ainda continuo sendo), sempre vista como bonita, pois minha casa era um ambiente prazeroso, ali eu tinha possibilidade de me reinventar, gostava de pegar livros na biblioteca e ler em casa, de preferência em meu quintal em frente à mata. Nesse lugar familiar e amoroso eu fui me reinventando e me (re)constituindo, em todos os âmbitos.

Caro Freire, os estudos de Lareau (2007)<sup>6</sup>, explicam que a forma que a família se organiza diz respeito à personalidade que o sujeito irá se formar, podendo obter "vantagens" ou não. Assim sendo, a autora esclarece que há diferenças na forma de transmissão dessas vantagens, o que varia de acordo com a classe social em que o indivíduo está inserido. O que

---

<sup>6</sup> LAREAU, A. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. **Educação em Revista**. [online]. 2007, n.46, pp. 13-82.

chamamos de “crescimento natural” (classe baixa) e “cultivo orquestrado” (classe média alta). Dentro das abordagens de cultivo orquestrado e de crescimento natural, três dimensões-chave podem ser distinguidas: a organização da vida diária, o uso da linguagem e os laços sociais (as “intervenções nas instituições” e as consequências serão trabalhadas posteriormente). Essas dimensões não capturam todas as partes importantes da vida familiar, mas incorporam aspectos centrais da criação dos filhos” (LAREAU, 2007, p. 26).

Contudo, na contemporaneidade é perceptível a preocupação com a educação dos filhos nas famílias, independente do meio social a qual pertençam. Segundo Lacerda (2006, p. 26)<sup>7</sup>, um dos fatores que intensificaram essa preocupação pode ser explicado pelo fato de que “[...] a certificação escolar ganhou grande importância e, diante do valor que a escola passou a ter, cada vez mais a ajuda escolar dos pais aos filhos passa a ocupar um lugar central na vida familiar”. Ou seja, percebe-se que a educação escolar passou a ocupar um lugar central na vida familiar.

Lembro que meus pais, com todas as dificuldades vividas, sempre me incentivaram a ler e a não abandonar os estudos. Confesso que a vontade era enorme, porém sempre vinha a minha mente a voz de minha mãe: “Você é capaz, não desista de seus sonhos, você tem que estudar para ser alguém na vida”. Sempre questionei “o que é ser alguém na vida?”. É nesse reconhecimento que eu tirava forças para continuar meus estudos, e assim, ainda que “sozinha”, caminhava em busca da minha realização pessoal, pois desde pequena sempre dizia que seria professora, ainda que não soubesse como. Meus pais também não sabiam apontar o caminho, a única certeza que tínhamos era de que seria por meio dos estudos. Em conformidade com Lareau (2007), os impactos nas oportunidades na vida dos filhos estão ligados aos mecanismos pelos quais os pais ou responsáveis transmitem essas vantagens. Assim,

Os pais de classe média, tanto brancos como negros, tendem a se ajustar na lógica de criação a qual denomino “cultivo orquestrado”. Eles matriculam seus filhos em diversas atividades organizadas, específicas para cada idade, as quais dominam a vida familiar e geram um grande esforço, especialmente para as mães. Os pais vêem essas atividades como uma forma de transmitir às crianças habilidades importantes para a vida. Os pais de classe média também enfatizam o uso da linguagem, o desenvolvimento da razão e utilizam o diálogo como forma de disciplina. Essa abordagem de “cultivo” resulta em um alcance mais amplo de experiências para as crianças, mas também cria um ritmo frenético para os pais, um culto ao individualismo dentro da família e uma ênfase no desempenho dos filhos (LAREAU, 2007, p. 17).

Já na família de classe trabalhadora, no que diz respeito ao crescimento natural, os pais acreditam que, desde que ofereçam amor, comida e segurança, seus filhos irão crescer e ser bem-sucedidos. Eles não têm como foco o desenvolvimento de talentos especiais dos filhos (LAREAU, 2007, p. 16).

---

<sup>7</sup> LACERDA, W. M. G. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis**: o caso dos iteãos. 2006, 188p. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

Essa experiência me permitiu revisitar o sentido das palavras escritas nos seus livros *Pedagogia do Oprimido*<sup>8</sup>, *Pedagogia da Autonomia*<sup>9</sup> e *Pedagogia da Esperança*<sup>10</sup>. Acredito que suas palavras podem fazer sentido e preencher um vazio existencial para muitas pessoas, diante de um sofrimento devido à carência material, de recursos e acesso aos conhecimentos.

Seus ensinamentos promovem a dignidade humana por meio daqueles que fazem da docência um exercício permanente de promoção social. Conforme citado acima, tive uma única professora que lecionava a partir de uma pedagogia engajada<sup>11</sup>. Os outros professores, em sua maioria, chegavam em sala desmotivados, utilizando de uma pedagogia tradicional/tecnicista com base na decoreba e de uma avaliação que tinha como única finalidade medir conhecimentos. Sempre ouvia da boca de vários professores: “*esse coitado não aprende*”, “*esse não tem futuro*”, “*Preto tem que estudar pra conseguir ser alguém na vida*”. Essas frases, entre outras, permearam meu cotidiano até minha conclusão do Ensino Médio. Ressalta-se que ainda hoje, na contemporaneidade, se ouve esses discursos no cotidiano escolar.

Nas minhas experiências, a única coisa que eu tinha certeza, era que essa prática constituída por esses professores era a que eu não queria para mim quando fosse lecionar. No entanto, com o passar do tempo, já na adolescência, percebi que havia alguns avanços, pois em respeito ao agir social, as ações pareciam estar mais desveladas. No que diz respeito ao aspecto cognitivo, acredito que há maiores mudanças, mesmo que em desenvolvimento.

Na adolescência me envolvi em um relacionamento tóxico, no qual tive meus dois filhos. Esse relacionamento durou dez anos, e foi estabelecido por meio de um pensamento sexista e machista que quase me custou a vida. É neste sentido, que seus ensinamentos contribuíram para que eu tivesse consciência de classe, raça e gênero. Penso que sua vida e obra podem despertar esta consciência, mas vejo, também, que não é nada simples, pois precisa de muito empenho. Uma das questões mais debatidas pelas mulheres negras e seus feminismos diz respeito ao social. O que é ser uma mulher negra em uma sociedade machista? O que é ser professora negra e lecionar numa sociedade preconceituosa?

Nesta perspectiva, foi no Ensino Superior que percebi o quão defasado foi o meu processo formativo. Na universidade, encontrei uma diversidade de professores envolvidos em uma pedagogia engajada, embora ainda existam aqueles que seguem uma corrente tradicionalista. Neste espaço, eterno educador, através de sua pedagogia, baseada no diálogo entre quem ensina e quem aprende, pude desenvolver minha capacidade crítica, rumo à emancipação humana, num exercício cotidiano de ação coletiva.

Na universidade, eu me envolvi em projetos de extensão, grupos de autoajuda, entre outros. É neste sentido, querido Paulo Freire, que chamo a atenção para importância de se discutir as políticas públicas inclusivas no âmbito educacional, pois faz-se necessário repensar e avaliar a função social das universidades, que, gestadas por meio de verbas do Estado, deveriam formar lideranças que representassem a diversidade étnica e racial do país. Porém, sabemos que na prática isso não acontece. Pensando na representatividade negra nesses

---

<sup>8</sup> FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>9</sup> FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.p. 52.

<sup>10</sup> FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

<sup>11</sup> hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. 286 p.

espaços, percebo que os percalços se encontram longe de ser sanados.

Laval (2004)<sup>12</sup> responsabiliza o neoliberalismo pela degradação mundial das condições de vida e do trabalho e, também, das instituições escolares e universitárias. Este autor nos mostra que tudo está interligado em uma grande teia global e que precisamos estar prontos para esse movimento que origina o neoliberalismo, pois primeiramente surgem os políticos reformistas sob o manto da modernização e sob o pretexto de melhoria e eficiência da escola. Posteriormente, negam o caráter ideológico e político dessa estratégia, ou seja, essas medidas apenas atendem ao sistema político dominante.

Contudo, ao discorrermos sobre o processo de formação Brasil nação, chamado pela sociologia de modernização conservadora, vemos que neste período ocorreu a assimilação dos elementos da economia e do mercado capitalista da forma burguesa de dominação da administração pública combinada com a manutenção de relações arcaicas, atrasadas aos modos de produção de relações sociais anteriores, de tal modo que o Brasil entrou no mundo moderno e continuou se mantendo e se atualizando a partir de todas as formas de relações bárbaras que perpassam sua história colonial e escravagista (FERNANDES, 1978)<sup>13</sup>.

Assim, essas transformações engendradas na reforma estatal possibilitaram, dentre outros elementos, as assim chamadas parcerias público-privadas, que podem ser entendidas conforme o ponto de vista de Hoeveler (2019, p. 198)<sup>14</sup>, “a partir da propagação dos aparelhos privados de hegemonia que, além de disputar o consenso na sociedade, também disputa espaços produtores de mais valor em potencial”.

Neste sentido, os negros passam da condição de escravizados para a de proletariados, mantendo, contudo,, relações de dominação, subordinação e exploração, que são continuidades da escravidão, porém, ritualizadas de maneiras permanentes e não superadas, por causa da ausência de oportunidades.

Tudo isso, conforme hooks (1995)<sup>15</sup>, tem implicações mais sérias na hora de pensar o campo cultural acadêmico que se constitui, em sua maioria, pela classe média burguesa, predominantemente branca, aristocrata, colonizadora, antipopular e racista, da formação da elite cultural brasileira. Estes fatores nos remetem ao campo intelectual, cultural e acadêmico brasileiro: por que ainda não passaram por questionamentos concretos em relação a estes percalços? Do ponto de vista da classe trabalhadora e assalariada, será que ela tem se questionado sobre as formas que produz e para quem produz? É neste sentido, que seus ensinamentos apontam para a importância do movimento popular nacional, constituído por uma maioria negra, para a promoção de rupturas com esse modo de produção.

Apesar de todos os avanços das políticas públicas educacionais, tais como a Lei de cotas raciais 10.639/03<sup>16</sup> e o Estatuto da Igualdade Racial<sup>17</sup>, ainda há fragilidades no sentido

---

<sup>12</sup> LAVAL. C. **A Escola não é uma empresa**: O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Ed Planta, 2004.

<sup>13</sup> FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

<sup>14</sup> HOEVELER, R. C. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, ano 4, n. 5, p. 145-159, ago./dez., 2019.

<sup>15</sup> HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras**, v. 3, n. 2, p. 464-478, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

<sup>16</sup> BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 26 ago. 2020.

<sup>17</sup> BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em:

concreto da “coisa”, essa estrutura produz um certo sentimento de alienação intelectual negra frente ao seu povo.

Segundo Mari e Coelho (2016, p. 128)<sup>18</sup> “o oprimido em certo momento de sua experiência histórica é um aderente, um ser aderido, não somente ao mundo natural, mas também ao opressor”. No entanto, é perceptível no contexto social que os padrões hegemônicos exercidos pelo Estado no sistema educacional brasileiro surtam efeito e trazem implicações diretas nas políticas públicas educacionais. Para estes autores, a escola precisa ter uma formação humanística, ampla, integral, ou seja, emancipatória. Isto não significa que ela não exija disciplina, que a autoridade não tenha espaço. É preciso olhar com muitas ressalvas para algumas concepções libertárias de educação que se produzem num contexto muito restrito, elitista, inclusive de condições de acesso e permanência na educação.

Nossa amiga, intelectual negra Evaristo (2014)<sup>19</sup> afirma que o intelectual negro, no mundo dos brancos, tem que encarar desafios fundamentais, sobretudo em um país racista estruturalmente. Não há como negar o fato de que o Sistema Educacional possui uma estrutura racista, que desloca os negros para debater fundamentalmente questões raciais, e, como ele sendo o único, ou seja, a exceção das exceções daquele espaço, vai debater única e exclusivamente a questão racial.

Assim sendo, Paulo, é preciso pensar em um projeto popular nacional de educação que questione de baixo para cima o papel dos intelectuais na sociedade brasileira, confrontando diretamente a questão do colonialismo cultural, que afasta o povo trabalhador dos processos fundamentais e necessários à construção de um país mais equânime e justo socialmente. Para tanto, considero fundamental um espaço de produção intelectual que dê visibilidade aos debates dos movimentos populares, sindicais e antirracistas. Enfim, Paulo, que possamos seguir resistindo, mantendo a esperança crítica em dias melhores, ou seja, esperando, no sentido que você mesmo cunhou, de esperarçar.

Viçosa, dezembro de 2022.

---

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm). Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>18</sup> MARI, C. L.; COELHO, E.P. Aproximações entre as categorias oprimido e subalterno de Paulo Freire e Antonio Gramsci. **Educação em perspectiva**, v. 7, p. 123-144, 2016.

<sup>19</sup> EVARISTO, C. **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 1-17, nov. 2008.